

Rumo aos Campos Elísios: as eleições de 1954 pelas páginas do Estado de São Paulo (OESP)

Thiago Fidelis¹

O período democrático na política brasileira, entre 1946 e 1964, foi marcado por uma série de instabilidades e crises institucionais, sendo o golpe civil/militar o desfecho destas disputas no campo da política. Entre os vários agentes em disputa dentro deste campo, a imprensa possuiu papel fundamental para uma melhor compreensão do período, uma vez que esteve envolvida diretamente nestes acontecimentos, interagindo a todo o tempo com os desdobramentos do período.

No estado de São Paulo, o jornal de maior circulação no período era *O Estado de São Paulo* (OESP). Fundado em 1875 com o nome *A Província de São Paulo* por, possuía em seus quadros nomes ligados à defesa de princípios liberais, pregando a autonomia e o fortalecimento do estado de São Paulo como a principal região do país; em 1889, pouco tempo após a proclamação da república, passou a ter a atual denominação. No período anterior a 1930, o jornal foi opositor do sistema político vigente, tendo várias afinidades com o Partido Democrático (agremiação opositora ao Partido Republicano Paulista, ligado aos políticos que dominavam o cenário nacional).² O grupo apoiou a Revolução de 1930 louvando a libertação da política daqueles que faziam seu mau uso; no entanto, o apoio foi por pouco tempo, uma vez que São Paulo não conquistou a autonomia buscada pelo grupo e as tensões foram aumentando, chegando à Revolução de 32 com OESP na oposição novamente.

A instalação do *Estado Novo* em 1937 foi mais um motivo de rusga entre boa parte dos políticos e da imprensa paulista com Vargas, uma vez que o governador de São Paulo Armando Sales de Oliveira seria um dos nomes que concorreriam ao cargo de presidente na eleição que seria realizada em 1938.³ E a desconfiança foi acentuada quando foi nomeado como interventor o médico e ex-deputado Adhemar de Barros, figura de pouco destaque entre a política paulista da época.

A nova política de Vargas afetara em cheio as vozes dissonantes, sendo o cerco à imprensa cada vez maior. Embora OESP tenha apoiado algumas iniciativas desse novo período, logo o grupo acabou sendo afetado pelas medidas de exceção tomadas e, em 1940, a mando de Adhemar de

¹ Graduado em História e Mestrando em História e Cultura Política pela Unesp; bolsista pela CNPQ/CAPES

² CAPELATO, Maria H; PRADO, Maria L. **O Bravo Matutino - Imprensa e ideologia: o jornal O ESTADO DE S. PAULO**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980 (Coleção Política), p. 23-40.

³ SODRÉ, Nelson W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 423. Armando Sales de Oliveira também era um dos proprietários do OESP.

Barros, o jornal sofreu intervenção estatal, não tendo mais seu controle próprio⁴ (situação esta mantida até o fim do período ditatorial, em 1945).

Após o fim do *Estado Novo*, mudanças significativas ocorreram na edição, sendo que o controle do periódico voltou, de fato, para as mãos de seus donos, a família Mesquita (o dono do jornal era Júlio de Mesquita Filho, que herdara o jornal de seu pai). Embora tenham apoiado a transição democrática e a posse de Eurico Gaspar Dutra para presidente do Brasil no fim de 1945, OESP enfatizou em suas páginas que o brasileiro não sabia votar: a democracia no país não seria plena enquanto a população não fosse alfabetizada (mais da metade da população do país era analfabeta), pois assim teriam melhores condições para escolher seus representantes:

Apesar de admitir que as escolhas eleitorais da maioria deveriam ser respeitadas, *OESP* acreditava que as massas ainda não estavam preparadas para escolher seus candidatos nem viver dentro da legalidade constitucional. Como forma de superar esse despreparo, o jornal paulista avaliava que “a conquista das massas era o problema dos nossos dias”, pois deveriam ser educadas para a democracia e para o exercício do voto [...].⁵

E OESP reforçaria a visão do brasileiro como um analfabeto político no ano seguinte, na eleição para governador. Mesmo não se colocando como representante oficial, o jornal apoiou incondicionalmente a campanha do representante da UDN, Almeida Prado. Um dos seus principais inimigos, Adhemar de Barros candidatou-se ao cargo e foi o mais votado⁶, governando São Paulo por mais quatro anos. Na eleição seguinte para governador, o jornal apoiou novamente a campanha da UDN, tendo Prestes Maia como seu representante. Mesmo com pesados ataques a candidatura de Lucas Nogueira Garcez (ex-secretário de Obras e candidato de Adhemar), o candidato da situação foi eleito⁷, mantendo o grupo político apoiado pelo OESP fora do poder por mais quatro anos.

A eleição para prefeitura de São Paulo em 1953, no entanto, mudaria significativamente o ambiente político do estado, uma vez que o governador Garcez, juntamente com Adhemar (mesmo os dois estando em conflito no período) e inúmeros partidos apoiaram a candidatura do médico Francisco Cardoso para a prefeitura. O caso da capital paulista era bastante significativa, pois a Constituição de 1946 restringia o voto direto a cidades consideradas estratégicas para a defesa do

⁴ CAPELATO; PRADO, op. cit., p. 54-71.

⁵ SILVA, Héber R. **A democracia impressa: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa 1945-1948**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 126-128.

⁶ OESP, 28.01.1947.

⁷ BUSSETO, Áureo. **A democracia cristã no Brasil: princípios e práticas**. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 93.

país, sendo São Paulo uma destas cidades. Desde os anos 20 sem votar diretamente, em fins de 1952 a justiça concedeu o direito de voto direto a população, que voltaria às urnas para eleger seu prefeito. Porém, o médico e candidato favorito foi derrotado pela então sensação eleitoral do momento, o deputado estadual Jânio Quadros.

Eleito vereador paulistano em 1947, Jânio teve um desempenho considerado acima da média no legislativo paulistano, sendo o vereador com mais projetos indicados e o que mais discursara para seus pares⁸, fazendo visitas periódicas a população. Na eleição de 1950, foi o candidato a deputado estadual mais votado no Estado, e manteve seu estilo legislador no legislativo paulista, chamando a atenção pelo seu trabalho e, principalmente pelas polêmicas levantadas, já que era opositor tanto de Adhemar quanto de Garcez, o que o aproximou consideravelmente do OESP, que retratava Jânio em suas páginas de maneira positiva.

Após a eleição de 1953, o governador Garcez havia perdido significativo capital político, também perdendo influência dentro de seu partido, o PSP. Adhemar de Barros voltara a ser a principal força do partido e trabalhava para viabilizar seu nome como candidato a governador. No entanto, Garcez não viu com bons olhos essa movimentação e passou a agir com o propósito de minar novamente a influência de Adhemar, tirando-o da liderança do partido.

Com essas manobras, Garcez tentou evitar a candidatura de Adhemar, buscando um nome que agradasse aos outros partidos da base aliada; como tinha perdido espaço, acabou perdendo a disputa e Adhemar consolidou seu nome para disputar o cargo de governador. Com isto, Garcez e os políticos do PSP que o apoiavam desligaram-se do partido em setembro de 1953.⁹

O PDC, envolto com o sucesso eleitoral de Jânio e ampliando suas bases políticas, oficializou o lançamento de sua candidatura ao governo no início de 1954. O prefeito, que negara durante a metade final do ano de 1953 que abandonaria a prefeitura¹⁰, passou a ver com bons olhos essa nova disputa, visto que seu *habitus* político mantinha-o popular, tendo reais chances de vencer por conta da fragilidade do governador, que perdera espaço dentro do PSP e, dificilmente, teria grande influência no candidato que apoiasse. Indagado sobre se aceitaria realmente participar do pleito, o prefeito deixou claro que seria candidato:

⁸ WALMSLEY, Silvana M. de M. **Origens do janismo: São Paulo, 1948/1953**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992, p. 76.

⁹ SAMPAIO, **Adhemar de Barros e o PSP**. São Paulo: Global Ed., 1982 (Teses, 5), p. 81-82.

¹⁰ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros: O Prometeu da Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 (Avenida Paulista), p. 85.

Tenho impressão que aceito. Quem não ficaria lisonjeado, quando a indicação é unânime e parte de homens com a autoridade dos que subscrevem essa deliberação? Quero acreditar que a sorte está lançada. O resto, agora, não é comigo, nem com os companheiros pedecistas. Escapa ao nosso pobre alcance e às nossas limitadas forças. O resto é com o povo.¹¹

No entanto, durou muito pouco o clima de euforia e otimismo em relação à candidatura. Os opositores passaram a criticar abertamente o PDC pelo lançamento deste nome, e também Jânio por ter aceitado entrar na disputa estando a menos de um ano a frente da capital paulista. O partido declarou ter antecipado o lançamento do nome de Jânio por conta do adiantamento das outras duas candidaturas – de Adhemar de Barros pelo PSP e de Prestes Maia pela UDN e pelos partidos de base do governo Garcez (candidatura que vinha sendo articulada pelo próprio, como forma de vencer o antigo partido e derrotar Jânio Quadros nestas eleições)¹². Quanto a Jânio, não o agradara o fato de ter Queiroz Filho, presidente da seção paulista do PDC como seu candidato a vice; queria que o atual vice-prefeito Porfírio da Paz o seguisse na candidatura, buscando assim outros grupos para compor sua campanha além de seu próprio partido. Tanto o prefeito quanto os democrata cristãos foram alvos de duras críticas do OESP:

A opinião publica paulista e todos quantos se preocupam com os destinos de São Paulo ainda não se refizeram da surpresa com que os chocou a recente atitude do Partido Democrático Cristão, lançando inopinadamente a candidatura do sr. Janio Quadros á governança do Estado (...) Ninguém recusará ao sr. Janio Quadros a aura de um prestígio popular na Capital do Estado, prestígio que em boa parte lhe valeu a vitória retumbante sobre três adversários, no pleito de março transato. Cumpre, entretanto, não perder de vista que a causa fundamental desse triunfo, naquela conjuntura, foi o tom apartidário da sua campanha, que logrou destarte transformar o candidato no porta-bandeira dos anseios populares, que repudiavam a presença do “ademarismo” nos postos administrativos da Cidade.¹³

Jânio convocou a imprensa para esclarecer a situação, uma vez que o PDC havia impugnado sua candidatura.¹⁴ Entre as várias alegações, colocou que os líderes da seção paulista do partido (o próprio Queiroz Filho e Franco Montoro) estavam buscando uma aliança com o governador Garcez, e teriam indicado seu nome sem seu conhecimento; embora empolgado a primeiro momento com a candidatura, acabou recuando tendo em vista o contexto o qual essa candidatura estaria se

¹¹ OESP, 08.01.1954.

¹² CHAIA, Vera L. M. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 101.

¹³ OESP, 09.01.1954.

¹⁴ BUSSETTO, op. Cit., p. 110.

estabelecendo, com uma ampla coligação e buscando manter a estrutura do atual governo.¹⁵

Os democratas cristãos da seção estadual então optaram por expulsar Jânio do partido; este apelou ao diretório nacional, buscando apoio para se manter na legenda. O presidente nacional do partido, o deputado federal pernambucano Monsenhor Arruda Câmara foi favorável a manutenção de Jânio, uma vez que ele era a principal força eleitoral da legenda; muitos partidários espalhados pelo Brasil também possuíam essa visão, e por conta disto o diretório nacional optou, em assembleia geral da agremiação, por manter Jânio no partido e como candidato a governador de São Paulo; além disso, o diretório paulista do PDC acabou sendo dissolvido.¹⁶

No entanto, Franco Montoro e Queiroz Filho recorreram à justiça e retomaram o controle da seção estadual pedecista, fazendo com que o diretório nacional fosse dissolvido. No fim de 1953, um acordo selou a “paz” entre os democratas cristãos: Monsenhor Arruda Câmara foi reconduzido à liderança nacional e os líderes paulistas passaram a ter maior influência nas decisões do partido a nível nacional, mantendo a decisão de expulsar Jânio Quadros de suas fileiras¹⁷; OESP posicionou-se a favor do partido, criticando o prefeito:

O fato é que o sr. Janio Quadros tudo tem feito, nestes últimos dias, por decair do largo crédito de confiança que a maioria do eleitorado da Capital lhe abriu, a 22 de março. Já o lançamento inopinado do seu nome, antes mesmo de atingir o meio-caminho do programa administrativo a que se comprometera em face da população, se não afigurou – como em tempo o asseveramos – um gesto estranho, que não podia favorecer os entendimentos das forças políticas honestas para a escolha de um candidato capaz de as aglutinar (...) Esta série de fatos revela a extensão dos desserviços que o sr. Janio Quadros prestou a São Paulo (...)¹⁸

No entanto, Jânio não havia desistido da candidatura, uma vez que sua disputa com o PDC ocorreu, basicamente, porque o partido queria direcionar a construção dessa candidatura, o que foi refutado por ele; os rumos da campanha teriam que ser, necessariamente, de sua inteira responsabilidade. Durante as disputas internas no PDC, Jânio já entrara em contato com vários partidos (incluindo UDN e PTB) para buscar apoio de novas legendas, além de ter tido contato direto com o presidente Vargas, que em um encontro mediado por João Goulart teria se comprometido a apoiar Jânio, desde que este o apoiasse para concorrer à eleição presidencial em

¹⁵ BUSSETTO, op. Cit., p. 111.

¹⁶ BUSSETTO, op. Cit., p. 111.

¹⁷ BUSSETTO, op. Cit., p. 112-113.

¹⁸ OESP, 31.01.1954.

1960.¹⁹

Sem nenhuma agremiação política, Jânio continuou buscando articulação para sua candidatura e teve o primeiro apoio vindo de seu ex-companheiro de legislativo Cid Franco, que liderou as vozes que fizeram com que o PSB formalizasse o apoio à candidatura do prefeito. Pouco tempo após, o PDC formalizou apoio à candidatura de Prestes Maia e o PTN homologava a candidatura do seu mais novo membro, Jânio Quadros, ao governo do estado, tendo Porfírio da Paz como vice.²⁰ Além destas duas candidaturas, outras duas foram homologadas: a já esperada candidatura de Adhemar de Barros, pelo PSP e a candidatura de Toledo de Piza pelo conturbado PTB paulista, que estava dividido em mais dois outros grupos (os mais próximos a Garcez, que apoiavam Prestes Maia; e os mais próximos a Jânio, que o apoiavam). Assim, as eleições seriam disputadas entre um ex-governador com uma estrutura partidária muito bem montada por todo o Estado, um ex-prefeito de São Paulo que possuía apoio (e, conseqüentemente, verbas) do governo estadual, o atual prefeito que, com um alto índice de popularidade (principalmente na capital) buscava consolidar seu nome perante o estado, e a candidatura de um renomado político (deputado e médico), que representava uma parte do esfacelado PTB.²¹ A disputa principal ocorreria, basicamente, entre dois desafetos declarados já há algum tempo:

No final, a polarização nessas eleições ocorreu entre as candidaturas de Adhemar de Barros, que contava com a máquina partidária do PSP, e de Jânio Quadros, que se posicionava contra a máquina administrativa estadual. Assim, o páreo eleitoral teria uma acirrada disputa, uma vez que concorriam os dois líderes que mais se destacaram na política paulista e que cultivaram uma forte rivalidade desde o período em que Jânio exerceu o cargo de vereador e Adhemar o de governador de São Paulo.²²

Conjuntura nacional e estadual: a crise política brasileira

A eleição para governador foi profundamente marcada pela crise no governo federal, com Getúlio Vargas perdendo cada vez mais apoio político no cenário nacional. Com medidas visando fortalecer a produção nacional em detrimento da economia estrangeira, o presidente acabou desagradando vários políticos, que não viam com bons olhos a tentativa de distanciamento do

¹⁹ CHAIA, op. Cit., p. 106-107.

²⁰ CHAIA, op. Cit., p. 109.

²¹ CHAIA, op. Cit., p. 110-112.

²² CHAIA, op. Cit., p. 108.

governo com potências estrangeiras, principalmente os EUA. Em um contexto de Guerra Fria, tal política de Vargas acabou gerando desconfiança do governo estadunidense, preocupado com uma possível perda de controle do desenvolvimento econômico e da política brasileira (que poderia ocasionar uma possível aproximação com a URSS).

Além desse aspecto, mesmo antes de assumir o governo Vargas já contava com uma forte oposição, principalmente da UDN. Boa parte dos udenistas haviam sofrido os efeitos de ser oposição durante o Estado Novo, e estavam dispostos a dificultar o governo do político gaúcho ao máximo. A principal voz dessa movimentação foi o jornalista Carlos Lacerda, jovem líder em ascensão que deixara bem claro, em artigo do seu periódico *Tribuna da Imprensa*, qual era sua postura em relação ao ex-presidente: *O Sr. Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar.*²³ Além disso, OESP também se opunha veemente contra o nome de Vargas, tanto na campanha como na posse; desde a indefinição do PSD (partido do então presidente Dutra) entre ter candidatura própria ou seguir Vargas, o periódico não poupava críticas àqueles que não chegavam a uma definição política, o que acabou contribuindo para a ascensão do nome de Getúlio Vargas:

Nunca houve, no Brasil, um partido que se mostrasse de uma incapacidade política tão profunda como o P.S.D. Dispondo de elementos para exercer uma influencia salutar no Parlamento e fora dele, nada fez, até agora, em benefício do País. Tempo e energias vem perdendo em combinações de baixa politicagem sem a visão larga dos problemas nacionais, amarrado às ambições dos seus chefes e vacilante quando chega a hora das resoluções definitivas (...) O mais curioso nas suas atividades contraditorias é a tentativa de se colocar simultaneamente sob a direção do sr. Presidente da Republica e do ex-ditador, dois inimigos irreconciliáveis, duas influencias que não se podem harmonizar.²⁴

Desde o início do mandato de Vargas, OESP publicou, quase que diariamente, críticas à imagem ou ao governo do presidente gaúcho, anotando desde pequenos destemperos até análises bastante negativas sobre o desdobramento político de seu governo. Deixando bem claro que não concordava em nada com Getúlio, os editoriais não o poupavam em nenhum momento, associando-o a quaisquer perturbações no país, seja no meio político ou no meio social:

²³ LAURENZA, Ana M. de A. **Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano**. São Paulo: Editora SENAC, 1998, p. 54-55. O texto foi publicado no periódico de Lacerda no dia 01.06.1950.

²⁴ OESP, 01.04.1950.

Quanto mais o sr. presidente da Republica manifesta em publico as suas opiniões e dá conta dos seus projetos, mais cresce no publico a desconfiança de que s. exa. não tem vontade de bem governar o Brasil. O que s. exa. tem é vontade de permanecer no poder. Em cada discurso ha muitas promessas e poucas realizações. Explica-se a desconfiança geral no que diz e no que faz s. exa., porque ha, sempre, nas suas palavras, desprezo pela verdade. Ora, contra a verdade nada se pode. Tudo deve ser feito por ela e não contra ela (..)²⁵

Embora vários membros do governo Vargas tenham sido criticados pelo OESP, um nome em especial foi bastante visado pela publicação, considerado o principal “discípulo” do presidente: João Goulart, presidente da seção gaúcha do PTB e um dos principais articuladores da candidatura de Vargas, além de tornar-se, em 1953, Ministro do Trabalho. Principalmente quando assumiu o ministério, sua forma de encaminhar as questões trabalhistas foi bastante contestada pelo periódico, principalmente por conta de sua proposta de dobrar o salário mínimo, tendo em vista beneficiar os trabalhadores dos grandes centros urbanos; além disso, supostamente, Jango (como era conhecido no meio político) incentivava a realização de greves por todo o Brasil, sendo considerado subversivo por essa sua prática, um perigo ao bom funcionamento da política brasileira:

O povo brasileiro precisa ficar em estado de alerta diante do governo federal. O que está sendo feito na pasta do Trabalho e o que se promete fazer ali demandam a maior vigilancia por parte do povo. O rapazola que se acha á frente daquele Ministerio, parece disposto a subverter completamente a ordem social do Brasil e a fazer do operariado o principal instrumento dessa subversão. As suas atividades, até agora conhecidas, dão-lhe direito á mais completa confiança do Partido Comunista, mas tiram-lhe o direito á confiança dos que não pertencem áquele partido (...) Entregar o Ministerio do Trabalho a um comunista, apoiado na proteção que lhe dedica o chefe do Executivo, é entregar um dos postos mais importantes ao partido que só cuida de arrasar as instituições em vigor para se apossar do poder e, com a supressão de todas as liberdades, submeter o povo brasileiro á terrível escravidão sob que estão gemendo a Russia e os países satelites, na Europa, e parte da Alemanha (...) A fomentação de greves e de outros movimentos contrarios á ordem publica é um dos processos ordinarios a que o comunismo recorre para destruir os regimes que lhe são contrarios. A esse processo de política anti-social está o ministro do Trabalho, ao que se afirma, lançando mão para aniquilar a estrutura economica do Brasil e preparar o terreno para o advento de uma ditadura de feição totalitaria (...)²⁶

A aproximação entre Jango e os comunistas era bastante comum nas publicações, uma vez que, ao reconhecer o direito à greve dos trabalhadores e discutir aumentos sucessivos de sua renda,

²⁵ OESP, 05.02.1954.

²⁶ OESP, 19.07.1953.

a associação era quase que imediata. Sua grande proximidade com Vargas era a cereja do bolo de acusações do OESP, que em fins de 1953 passou a pedir abertamente sua saída da pasta, colocando que a manutenção de Jango nesse posto seria um perigo para todos. Tais críticas mantiveram-se até a saída de João Goulart do ministério, em 23 de fevereiro de 1954.²⁷

O ano de 1954 desenrolava-se nas páginas do OESP como um período de intensa agitação política no Brasil por conta da eleição; além disso, a situação econômica brasileira tornava-se cada vez mais complexa, uma vez que o parque industrial brasileiro não conseguia aumentar sua produção e as taxas de importação subiam cada vez mais, acompanhando a subida de preços mundial por conta dos acontecimentos da Guerra Fria e de problemas econômicos nas grandes potências. Vargas passou a ser cada vez mais criticado, sendo acusado pelo editorial como o grande responsável pela situação a qual passava o Brasil:

Se o sr. presidente da Republica tivesse consciencia de suas insuficiencias resolveria o caso, simplesmente, abandonando o cargo e confessando ao povo que não sabe o que fazer para dar-lhe aquilo de que necessita. Ninguém é obrigado a permanecer num cargo que está impossibilitado de exercer como deve ser exercido. Nas funções publicas, o homem consciente só permanece enquanto está convencido de que pode cabalmente desempenhá-las.²⁸

Com os ânimos acirrados e com perda cada vez maior dos políticos da base aliada, Vargas vinha tendo cada vez menos condições de governabilidade, uma vez que em sua gestão havia um notório descompasso: utilizando os termos da pesquisadora Sônia Draibe, Vargas havia estruturado um Estado com características empresariais, buscando interferir diretamente no ordenamento social através de uma redistribuição de riquezas orientadas pelo ponto de vista político; no entanto, no governo Dutra tal estrutura foi, aos poucos, sendo solapada (embora não destruída), uma vez que a produção do país foi sendo cada vez mais delegada às mãos da iniciativa privada, deslocando do Estado para o mercado a organização econômica. Ao assumir novamente a presidência, Vargas buscou resgatar o caráter do Estado estruturado por ele em um contexto bastante distinto dos anos 30 e 40, com um cenário político mais dividido (e mais complexo):

Na sua concepção, o plano de desenvolvimento econômico e social envolvia, necessariamente, uma ruptura radical com o *status quo*. Pretendia materializar o salto para a industrialização, criando novos blocos industriais e constituindo o

²⁷ OESP, 24.02.1954.

²⁸ OESP, 19.03.1954.

setor pesado de bens de produção, sob a liderança da empresa pública, minimizando a participação da empresa estrangeira. Essa estratégia, embora capaz de abrir novas fronteiras de expansão ao capital privado nacional, implicava dinamicamente sua subordinação ao setor público e graus elevados de estatização – evidenciando também um conteúdo nacionalista que não deixou de despertar resistência por parte do capital estrangeiro e das agências internacionais de financiamento (...) No plano interno, além das ambigüidades do empresariado industrial, houve cerrada oposição por parte dos setores mercantis ligados ao grande comércio de importação e exportação (...) ²⁹

Além dessas questões, em 05 de agosto de 1954, Carlos Lacerda foi vítima de um atentado, em que foi baleado; seu segurança, o major da Aeronáutica Rubens Vaz, morreu. O crime foi ligado ao segurança pessoal de Vargas, Gregório Fortunato. Mesmo sem provas concretas, OESP associou, de imediato o crime à figura de Vargas, que seria o principal interessado em calar as críticas do jornalista e opositor político:

Manifestação do mais revoltante banditismo foi, indubitavelmente, a agressão que, no Rio de Janeiro, sofreu o bravo jornalista, sr. Carlos Lacerda, quando, em companhia de um filho e de um amigo, major da Aeronautica, foi atacado inopinadamente por um grupo de cinco facinoras, ao aproximar-se de sua residencia. Desse ataque resultaram a morte do oficial da Aeronautica e ferimentos no jornalista. Os facinoras fugiram. Naturalmente, não fizeram a obra por contra propria. Fizeram-na por conta de alguns dos covardes, mais ou menos ligados ao Catete, contra os quais o sr. Carlos Lacerda tem movido uma campanha desassobrada (...) Começa, dessa maneira, a expandir-se, na capital do Brasil, o cangaceirismo político (...) O regime de terror que a gente do governo procura estabelecer no País, numa ditadura disfarçada, tem que ser eliminado no nascedouro (...) ³⁰

Nos editoriais seguintes, OESP passou a responsabilizar diretamente Vargas, colocando que, se ele não fora o mandante, pecara pelo crime de ter sido permissivo frente a possíveis ameaças que o jornalista já estaria sofrendo de pessoas próximas ao círculo de amigos e familiares do presidente (embora o jornal não tenha especificado nenhum nome).³¹ Além da base política, o presidente perdeu o apoio de boa parte dos militares, indignados com o atentado e com o suposto envolvimento de Vargas no crime; imediatamente, as Forças Armadas, assim como o Legislativo (e o próprio OESP) passaram a apontar a renúncia ou o impeachment de Vargas como as únicas soluções imediatas para a crise que se instalou:

²⁹ DRAIBE, Sonia. **Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 235-236.

³⁰ OESP, 06.08.1954.

³¹ OESP, 08.08.1954.

A situação político-militar é ainda grave e tensa, ao contrário do que a aparente calma poderia fazer supor. Os chefes militares continuam na mesma posição firme, buscando conseguir a unanimidade das forças armadas para impor a renúncia ao sr. Getúlio Vargas assim que os resultados das investigações policiais, aceleradas nas últimas horas, conduzam, como tudo indica, à convicção de que o mandante do crime da rua Toneleros é figura de destaque no governo, com íntimas relações de parentesco com o presidente da República.³²

Em 23 de agosto, uma reunião com seus ministros culminou em um aconselhamento para o presidente afastar-se do cargo. Na madrugada do dia 24, Vargas recebeu um ultimato de setores do exército pedindo sua renúncia (caso contrário, seria deposto); pouco tempo depois de ler o manifesto das Forças Armadas, Vargas matou-se com um tiro no peito no Palácio do Catete, “deixando a vida para entrar na história”.

Esse acontecimento mudou sensivelmente o rumo da política nacional, uma vez que Vargas passou de vilão à mártir da república brasileira, sendo considerado um herói por boa parte da população. Antes de sua morte, nas eleições estaduais em 1954, os políticos buscavam distância do político gaúcho, por medo de perder votos; no entanto, após sua morte a imagem de Vargas foi extremamente exaltada por muitos desses políticos, que buscavam aproveitar a nova maré de votos a partir dessa movimentação.

Embora o acontecimento tenha sido da maior gravidade, OESP não alardeou o tema, tratando-o de maneira bastante discreta, não dando especial atenção ao ocorrido na edição do dia seguinte, relatando o caso como um assunto como outro qualquer na política, especificando os possíveis rumos que tal ação teria na política nacional:

Não estava na previsão de quem quer que seja, nem seria desejado pelos homens de sentimentos cristãos o trágico desfecho que teve a crise político-militar oriunda do crime da Rua Toneleros. Na manhã de ontem, o sr. presidente da República pôs termo à existência com um tiro no coração. Quando s. exa. vivia não poupamos críticas severas aos seus atos e às suas palavras que nos pareciam condenáveis. Agora que está morto só nos resta descobrir-nos diante da sepultura em que jaz o seu corpo.³³

As análises da publicação foram mais voltadas à formação do novo governo do que à morte de Vargas, relatando os desafios que Café Filho teria frente às problemáticas pelas quais o país

³² OESP, 14.08.1954. O possível nome do círculo pessoal de Vargas era do chefe de sua segurança, Gregório Fortunato.

³³ OESP, 25.08.1954.

passava nesse momento, buscando encorajar os atos do novo presidente:

Em declarações á imprensa, o presidente Café Filho revelou o seu proposito de organizar um governo de pacificação nacional, com representantes dos maiores partidos e nomes altos que se imponham á confiança do País. A sua escolha inicial do Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes - para o Ministério da Aeronautica, aceita pelo grande líder democratico, reforçou as esperanças de uma éra de tranquilidade, depois de tantos sobressaltos.³⁴

O cenário político paulista passou a contar com mais essa “variável”, sendo que OESP buscou atrelar a candidatura de Prestes Maia com o governo de Café Filho, além de não mais apontar tanto os erros de Vargas (embora pouco tempo depois a publicação voltou a trazer à tona inúmeras acusações contra o ex-presidente). Pelo menos nas páginas do jornal tal ocorrência não teve muito impacto em nenhuma das candidaturas, nem no cenário político em geral.³⁵

Em relação à candidatura de Jânio, esta pautou-se, basicamente, nos mesmos pontos estruturados nas suas três campanhas anteriores: *A imagem de candidato pobre, abnegado, com saúde “combalida”, era bem trabalhada por Jânio Quadros, considerado um político diferente, sem suporte partidário e com autonomia e independência em face dos compromissos partidários.*³⁶

No entanto, mesmo mantendo essa característica, a candidatura de Jânio também possuía apoio maciço de vários industriais e latifundiários, que expandiram seus negócios durante sua gestão como prefeito, e viam nele alguém competente administrativamente, procurando organizar melhor a cidade e os trabalhadores para aumentar a produção do estado (o que aumentaria seus lucros). Em 31 de agosto, finalmente, filiara-se ao PTN, formalizando o apoio desse partido a sua candidatura, além do PSB.³⁷

Sua candidatura não trazia propostas bem definidas de governo: prometia acabar com a corrupção, erradicar a miséria, colocar o estado de São Paulo “nos eixos”, fazer com que a vida da população melhorasse, etc. Além disso, trazia suas frases e atos de efeito, como almoçar junto com o operariado, caminhar entre a população ouvindo seus problemas, realizar ataques virulentos contra seus oponentes (incluindo o PDC) e negociar com os políticos do interior, buscando base política para seu futuro governo.

Prometendo “varrer” a corrupção da política, a candidatura de Jânio estruturou-se na

³⁴ OESP, 25.08.1954.

³⁵ OESP, 01.09.1954.

³⁶ CHAIA, op. Cit., p. 110.

³⁷ OESP, 31.08.1954.

possibilidade real de vitória (diferentemente da eleição para prefeito, quando tudo era muito novo e a vitória da eleição não era vista como possível), uma vez que possuía esmagadora votação no pleito anterior e também fora bem votado em todo o Estado para as eleições de deputado estadual, em 1950. Portanto, o tom de Jânio era mais incisivo nesse período: sabia, melhor do que nunca, que sua imagem dependia da firmeza com que fazia aquilo que era prometido.

OESP aumentava, conforme ia se aproximando à data do pleito, a propaganda para o candidato da UDN, e os ataques a Adhemar de Barros. Principalmente a partir do início de setembro, o tom eleitoral tomou conta de boa parte do jornal, que passou a abrir seu espaço tanto para propagandas políticas quanto para discussões político-partidárias. Embora muitos políticos defendessem o adiamento das eleições por conta do suicídio de Vargas, a data foi mantida por Café Filho, e o ritmo das campanhas também continuaram no mesmo tom.

As propagandas de apoio a Prestes Maia tiveram grande espaço dentro da publicação, bem como textos falando (e elogiando) sobre sua candidatura, colocando-a como a verdadeira salvação de São Paulo e, conseqüentemente, do Brasil:

diga: Eu Quero

Lutar para dar ao meu Estado, na esfera Federal, o respeito, o prestígio e acatamento a que tem direito – livrando-o dos que pretendem transformá-lo em palanque de onde possam oferecer à Nação o triste espetáculo dos seus desmandos ou das suas politiquices e palhaçadas.

Para isso, trabalharei por PRESTES MAIA. Farei e aconselharei a defesa de Prestes Maia nas reuniões de que participar, nos clubes, nos escritórios, nas oficinas e nas fábricas; orientarei colegas, amigos e conhecidos sobre como proceder para eleger o candidato de que São Paulo precisa: PRESTES MAIA.

...e

**PRESTES MAIA
será eleito
porque Você quis!**

Figura 01 – Propaganda favorável a Prestes Maia, no dia 23.09.1954.

Em relação à oposição a Adhemar, OESP agiu de maneira sistemática para desconstruir a candidatura de seu grande inimigo político. Pouco tempo depois a publicação colocou, na capa de sua edição (que era reservada, geralmente, a assuntos internacionais) um “lembrete” de uma crítica de Adhemar a Vargas, procurando demonstrar que o candidato a governador, embora se fizesse passar por aliado, era na verdade um grande crítico do falecido presidente³⁸:

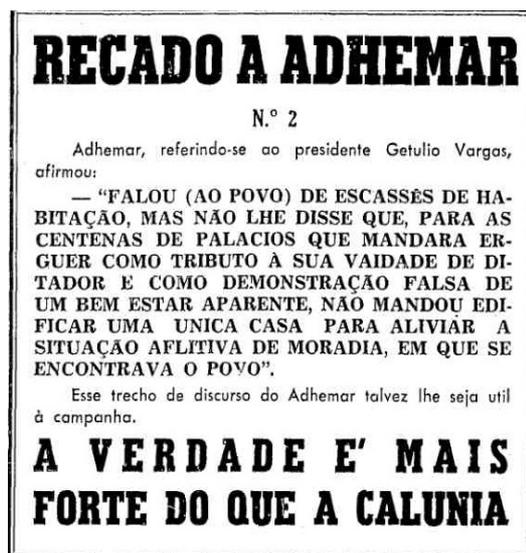


Figura 02 – “lembrete” do OESP a Adhemar e a população

No mesmo dia dessa publicação, uma propaganda passou a circular quase que diariamente pelas páginas do OESP, fazendo uma espécie de quadro comparativo entre os três principais candidatos, elencando os pontos positivos e negativos de todos eles, de maneira “imparcial”³⁹:

³⁸ OESP, 01.09.1954.

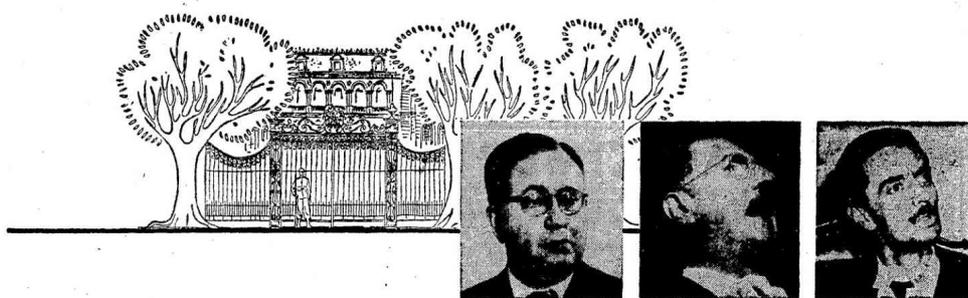
³⁹ OESP, 01.09.1954.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ



**e tome por si mesmo
a resolução
de votar no melhor**

Compare os 3

Este é o teste da AMBICÃO

1. É desprendido, pondo o bem coletivo acima dos interesses pessoais?
2. É "carreirista", isto é, faz da vida pública pretexto para a conquista de posições?
3. Merece confiança, por haver sempre cumprido os compromissos que assumiu?
4. É coerente, não mudando seu pensamento segundo as conveniências políticas do momento?
5. Quer governar São Paulo ou fazer de São Paulo trampolim para a presidência da República?

Este é o teste da SINCERIDADE

1. É honesto, cumprindo intransigentemente sua palavra, só obediente à elevação e utilidade de propósitos?
2. É "negocista" e procura obter para si quanto puder?
3. É "filhoista", escolhendo seus colaboradores exclusivamente pelo critério do parentesco ou do compadrismo?
4. É leal, não procurando, em suas críticas, atingir a dignidade de outrem, nem fazendo afirmações que não possa provar?
5. Quer governar São Paulo ou fazer de São Paulo trampolim para a presidência da República?

Este é o teste da CAPACIDADE

1. É formado e obteve êxito em sua profissão?
2. Tendo ocupado postos administrativos, idealizou e executou obras de relevante interesse público?
3. Como candidato, as soluções que apresenta para os nossos problemas são baseadas em argumentos sérios, técnicos, ou não passam de jogo de palavras?
4. Seria capaz de abandonar suas pretensões em benefício de outro candidato que reputasse melhor qualificado?
5. Quer governar São Paulo ou fazer de São Paulo trampolim para a presidência da República?
6. Quem é o seu companheiro de chapa e que respostas ele sugere às perguntas dos testes da ambição, da sinceridade e da capacidade?

Suas conclusões é que valem. O resto... é esperteza ou demagogia!

Ninguém tem o direito de lhe impor nomes. Mas Você tem o dever de servir sua terra, opondo a verdade à mistificação, a honestidade à falta de escrúpulos, a capacidade construtiva ao desejo de mando para a satisfação de apetites pessoais. Analise os homens que disputam o seu voto. Pese fatos à luz da sua vontade e da sua inteligência. Condene os que tiveram a oportunidade de servi-lo – e não o serviram. Tome depois sua decisão, seguro de que seu voto é o de um homem livre – porque Você escolheu conscientemente.

CAMPANHA DE ESCLARECIMENTO ELEITORAL

Campanha Partidária dos Amigos de São Paulo

Figura 03 – ideia de responder ao questionário, contra a esperteza (Jânio) e a demagogia (Adhemar)

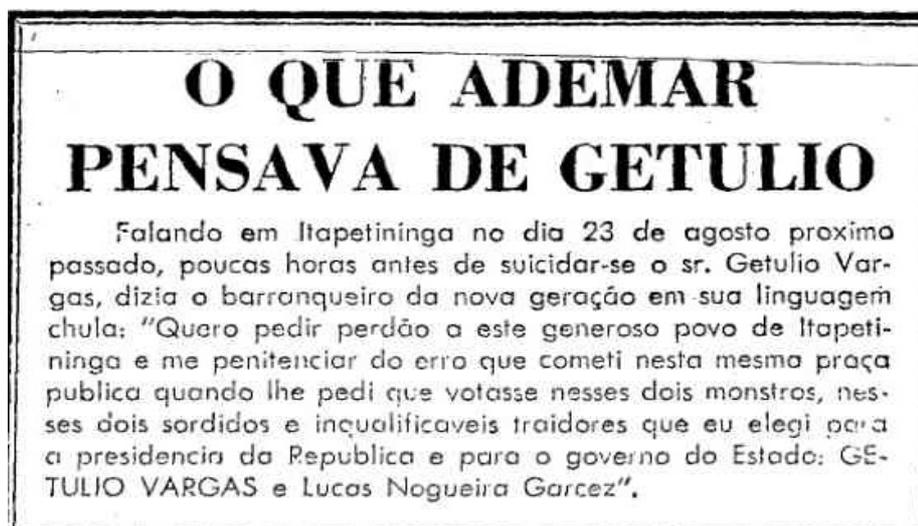


Figura 04 – maior ênfase nas críticas de Adhemar à Getúlio. Publicação do dia 07.09.1954.

Em junho, o jornalista Paulo Duarte tinha publicado uma série de artigos cujo título era *O*

meu destino será o Catete, com inúmeras críticas pormenorizadas ao então candidato. Em 09 de setembro, Duarte publicou um texto intitulado *O seu destino não será o Catete*, fazendo críticas ainda mais contundentes a Adhemar em face de um novo caso de corrupção que, embora muito já se comentasse, começava nesse momento a ser investigado pelo Ministério Público, o caso dos carros Chevrolet⁴⁰, no qual durante seu período como governador, Adhemar teria comprado, de maneira irregular, inúmeros carros, tendo desvio de verba e apropriação indébita. Esse seria um elemento a mais no OESP contra o então candidato, que passa a pedir abertamente a sua prisão:

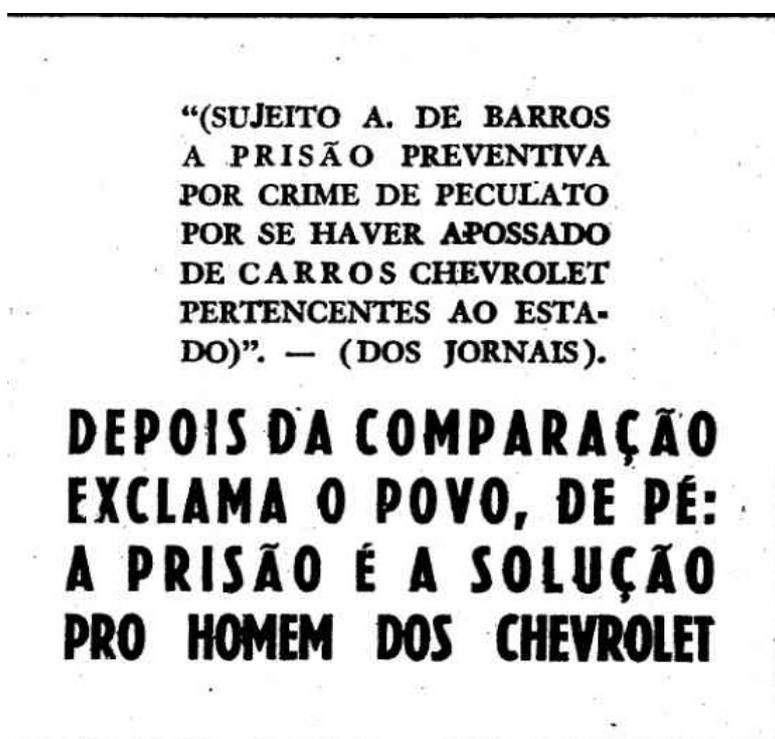


Figura 05 – nota do jornal pedindo a prisão de Adhemar, em 11.09.1954.

Além das inúmeras críticas contra a figura política do ex-governador, as propagandas intensificaram-se; no quadro comparativo entre os três candidatos favoritos, Adhemar foi “tirado” da disputa, por conta de suas irregularidades administrativas:

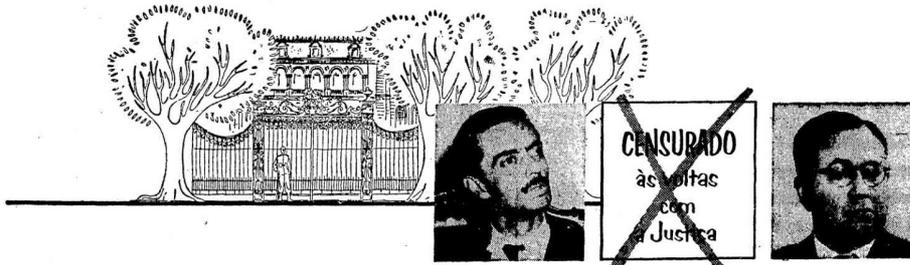
⁴⁰ OESP, 09.09.1954.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



Compare os 2

Mentiu aos seus correligionários, que precisaram expulsá-lo do Partido que o elegeu.

Mentiu ao povo, dizendo-se autor das "15 grandes realizações" que ninguém viu.

Pretende continuar a mentir, usando processos demagógicos já desmoralizados (barba crescida, cabelos compridos, caspa artificial, doenças imaginárias).

Chevrolet, Chevrolet, Chevrolet, Chevrol
Chevrolet, Chevrolet, Chevrolet, Chevrol
Chevrolet, Chevrolet, Chevrolet, Chevrol

Caixinha, Caixinha, Caixinha, Caixinha
Caixinha, Caixinha, Caixinha, Caixinha
Caixinha, Caixinha, Caixinha, Caixinha

Trampolim, Trampolineiro, Trampolinices
Trampolim, Trampolineiro, Trampolinices
Trampolim, Trampolineiro, Trampolinices

Honesto. À frente da Prefeitura, conduziu-se com absoluta probidade, que até seus inimigos políticos reconhecem e respeitam. Não aumentou impostos em 10 anos de administração.

Realizador. Embelezou a cidade, engrandecendo-a com as maiores realizações urbanísticas de que S. Paulo se orgulha.

Capaz. Seus conhecimentos técnicos, por todos proclamados, são a garantia de uma administração esclarecida e capaz de solucionar os problemas que afligem o povo.

**e tome por si mesmo
a resolução
de votar no melhor**

Ninguém tem o direito de lhe impor nomes. Mas Você tem o dever de servir sua terra, opondo a verdade à mistificação, a honestidade à falta de escrúpulos, a capacidade construtiva ao desejo de mando para a satisfação de apetites pessoais. Analise os homens que disputam o seu voto. Pese fatos à luz da sua vontade e da sua inteligência. Condene os que tiveram a oportunidade de servi-lo — e não o serviram. Tome depois sua decisão, seguro de que seu voto é o de um homem livre — porque Você escolheu conscientemente.

Suas conclusões é que valem. O resto... é esperteza ou demagogia!

CAMPANHA DE ESCLARECIMENTO ELEITORAL

Campanha Apartidária dos Amigos de São Paulo

Figura 06 – Adhemar fica de fora da comparação; a parcialidade fica clara. Publicado no dia 23.09.1954.

As gravuras ridicularizando a figura de Adhemar também foram constantes, principalmente nos dias mais próximos à eleição. O candidato começou a ter um espaço nas páginas do OESP quase tão grande quanto o de Prestes Maia, embora possuindo um enfoque totalmente diferente:

DEUS BRASILEIRO

ofereceu aos seus patricios, a fim de consolá-los de tantas desgraças aventureiras, três coisas das quais cada paulista poderá escolher duas

INTELIGENCIA, HONESTIDADE E ADEMARISMO

De modo que quem escolher:

INTELIGENCIA E ADEMARISMO, NÃO PODERA' SER HONESTO

HONESTIDADE E ADEMARISMO, NÃO PODERA' SER INTELIGENTE

INTELIGENCIA E HONESTIDADE NÃO PODERA' SER ADEMARISTA

Os paulistas que o escolham. Estamos num regime de liberdade. Cada um pode ser o que bem entende. A té gatuno. E pode também ser inteligente e honesto...

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Figura 07 – Uso da lógica para justificar não votar em Adhemar – 01.10.1953.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Embora em menor quantidade, houve algumas propagandas para Jânio, fortalecendo a ideia de que o político possuía, de certa forma, algum trânsito entre os editores do OESP, demonstrando a força de seu capital político:



Figura 09 – pequena nota fazendo propaganda de Jânio e de sua coligação

Mesmo com os inúmeros ataques a Adhemar e com o grande destaque dado a Prestes Maia (e as críticas aos outros candidatos), o jornal lamentou o nível da campanha, considerado “injusto” e “baixo”. Sem citar nomes, o editorial se posicionou contra os termos ofensivos usados por pessoas contra os candidatos, além das trocas de insultos entre eles mesmos:

Raramente, ter-se-á contemplado espetáculo tão triste. A propaganda desceu ao nível mais baixo. Com exceção de candidatos, como o sr. Prestes Maia, educados (...) a generalidade dos que disputam cargos de governo e de representação deu a mais lamentável cópia dos seus recursos intelectuais e de sua tempera moral (...) injúrias, calúnias, toda sorte de achincalhes eram trocados, entre os homens que se propõem a ser a expressão da política paulista (...) Do verdadeiro concurso de mediocridades, que se estabeleceu, o que se apurou é que mal governado estará S. Paulo se, por um erro do eleitorado, o escolhido, entre os candidatos ao cargo de governador, deixar de ser o sr. Prestes Maia (...)⁴¹

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Na edição do dia da eleição, uma propaganda curiosa estampava a capa do OESP. O jornal pedia para os eleitores de Jânio refletirem e, ao invés de votar em seu candidato deveriam votar em Prestes Maia, pois assim manteriam um bom político na prefeitura e outro bom político no governo, afastando qualquer possibilidade de Adhemar de Barros chegar ao poder:

JANISTA AMIGO

VOCÊ JÁ MEDITOU?

PRESTES MAIA – GOVERNADOR

JANIO QUADROS – PREFEITO

derrotamos **ADHEMAR** fazendo

PRESTES MAIA – GANHAR

QUEM EM JANIO VOTAR
estará ajudando **ADHEMAR**

VOTE EM

P R E S T E S M A I A

E MANTENHA

JANIO QUADROS

NA PREFEITURA PARA

2 Administradores Honestos

GOVERNAREM SÃO PAULO



Figura 10 – OESP incitando uma “dobradinha” entre Jânio e Prestes Maia

Nesse mesmo dia, ocorreu a votação e, desde o início da apuração, a disputa entre Jânio e Adhemar foi extremamente acirrada. Como resultado final, Jânio foi eleito com 660.264 votos (34,2%), contra 641.960 votos de Adhemar de Barros (33,3%), 492.518 votos de Prestes Maia (25,5%) e 79.783 votos para Toledo Piza (4,1%); também tiveram, entre brancos e nulos, 54.414 votos (2,8%).⁴²

Se na vitória da eleição de 1953 Jânio já acumulara um capital político relativamente grande, nessas eleições ele consolidou-se como o principal nome da política paulista, e um potencial líder a nível nacional. Por mais que a margem de votos tenha sido pequena, a vitória do prefeito evidenciava que seu capital político era superior ao dos outros candidatos, impondo grande derrota especialmente a Adhemar de Barros: este, que já perdera parte significativa de sua influência na briga com Garcez, sofreu duro impacto com a derrota, uma vez que chegar novamente ao governo de São Paulo seria um trunfo eleitoral para alavancar sua candidatura à presidência da República, cuja eleição ocorreria no ano seguinte. Em relação ao atual governador, sua segunda derrota consecutiva para Jânio Quadros sepultou, de vez, suas pretensões de liderança política; embora fosse bem visto por parcela significativa dos políticos, tal simpatia demandava muito mais de seu perfil técnico do que seu perfil político. Após essas eleições Garcez acabou se retirando da vida política, dedicando-se ao seu trabalho como engenheiro e professor.

O resultado, assim como nas eleições para prefeito da capital paulista, foi bastante lamentado pelo OESP. Bastante decepcionado com o resultado, o jornal sentia muito por um dos defeitos mais graves (ao seu ver) da democracia brasileira: novamente a falta de capacidade dos eleitores, que não haviam aprendido ainda a votar, desperdiçando a chance de eleger o candidato mais probo, mais honrado daquelas eleições (que perdia novamente, assim como o Brigadeiro Eduardo Gomes perdera duas vezes):

Pelos seus merecimentos, pelos seus predicados de homem público, pela sua capacidade profissional, revelada na remodelação desta Cidade, pela retidão do seu caráter, pela sua probidade, estava acima de qualquer dos outros candidatos (...) O eleitorado ainda não aprendeu, parece-nos, a distinguir entre o bom e o mau. Tanto o trigo como o joio se lhe afiguram a mesma coisa. Fazíamos melhor idéia de seu discernimento (...) a grande votação que recebeu o chefe da corrupção administrativa em São Paulo, o ex-governador que está sendo

⁴²

CHAIA, op. Cit., p. 112-113. Dados retirados do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

processado por crime de peculato, o explorador do jogo em todas as suas modalidades, o criador da cobrança de porcentagens aos que tinham dinheiro que receber do Tesouro (...) O que, em parte, salvou o eleitorado foi não ter assegurado a vitória a esse cidadão. O escolhido, até agora, foi o menos pior. Fazemos votos por que, no futuro, o eleitorado, do menos pior, suba para o melhor. Até lá não esmoreçamos na propaganda cívica e na doutrinação política. Precisamos educar esses homens que dispõem dos votos sem saber onde têm a cabeça, a fim de que a nossa democracia escape ao perigo, que a ameaça, de soçobrar na ignorância e na cegueira das massas (...)⁴³

A citação acima é bastante elucidativa da postura do jornal perante a situação política brasileira. Via o sistema democrático muito importante e eficaz. No entanto, a escolha política ainda não havia sido aprendida pela maioria da população. Embora não defendesse a anulação das eleições, OESP defendia (como o fazia desde praticamente sua fundação) a *educação* do povo, ou seja, que este aprendesse o suficiente para votar nos candidatos “corretos”, demonstrando um autoritarismo bastante significativo, em que o ouvinte não nega o discurso do outro, mas busca desqualificá-lo de todas as formas possíveis⁴⁴.

Nas edições seguintes, assim como na campanha para prefeito no ano anterior, OESP continuaria se lamentando pela derrota de seu candidato; na esfera política, o jornal deu destaque às declarações do deputado estadual Lincoln Feliciano (PSD/SP), que dizia que a população não sabia votar, e o voto deveria ser proibido, causando grande discussão no plenário.⁴⁵

Nessas eleições ocorreram, basicamente, duas disputas: a disputa pelo governo e pela hegemonia política do estado. A primeira, uma disputa eleitoral pautada no histórico político de cada um, bem como nos pontos que defendiam; a segunda evidenciou uma disputa simbólica, no qual o foco era agregar o maior número de lideranças à candidatura própria, buscando ter maior influência e controle sobre a política paulista e parte significativa da política nacional.

No entanto, Jânio perdeu número significativo de votos na capital nessas eleições, como apontou Chaia (com base nos dados do TRE). Nas eleições para prefeito, Jânio obteve 284.922 votos entre 424.396 votos válidos; nesta eleição (cerca de 1 ano depois), obteve 271.545 votos entre 647.765 votos válidos.⁴⁶

Embora seja difícil fazer uma comparação direta entre essas duas eleições (que possuíam caráter bastante distinto), é necessário frisar que, diferente da eleição para a prefeitura, existiam

⁴³ OESP, 06.10.1954.

⁴⁴ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13º ed. 2007, v. 1, p. 94-104.

⁴⁵ OESP, 07.10.1954.

⁴⁶ CHAIA, op. Cit., p. 113-114.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

dois nomes de grande capital político na disputa com Jânio: tanto Adhemar quanto Prestes Maia já haviam estado no poder, e possuíam grupos significativos de apoio civil. Além disto, a eleição para a prefeitura constituía-se uma novidade para os paulistanos, enquanto que a eleição para governador já era, de certa forma, um hábito (hábito este dominado politicamente pelo PSP nas eleições anteriores).

Foi com esse forte capital político e com um poder simbólico imenso que Jânio Quadros assumiu o governo em 25 de janeiro de 1955, tendo renunciado dias antes à prefeitura de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros: O Prometeu da Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 (Avenida Paulista)

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ª ed. 2007

BUSSETO, Áureo. **A democracia cristã no Brasil: princípios e práticas**. São Paulo: Editora Unesp, 2002

CAPELATO, Maria H; PRADO, Maria L. **O Bravo Matutino - Imprensa e ideologia: o jornal O ESTADO DE S. PAULO**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980 (Coleção Política)

CHAIA, Vera L. M. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991

DRAIBE, Sonia. **Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

LAURENZA, Ana M. de A. **Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano**. São Paulo: Editora SENAC, 1998

SAMPAIO, **Adhemar de Barros e o PSP**. São Paulo: Global Ed., 1982 (Teses, 5)

SILVA, Héber R. **A democracia impressa: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa 1945-1948**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009

SODRÉ, Nelson W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966

WALMSLEY, Silvana M. de M. **Origens do janismo: São Paulo, 1948/1953**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992